

LÉCIO GOMES DE SOUZA

João Alberto Novis Gomes Monteiro

Médico oficial superior da reserva do Exército Brasileiro, escritor, poeta, historiador, professor universitário e grande orador. Lécio Gomes de Souza nasceu a 6 de janeiro de 1909, filho de Felisberto Gomes de Souza e Jovita de Castro Souza, na fazenda do Feliz Destino, distrito de São Pedro de Itabapoana, município de Mimoso do Sul, Estado do Espírito Santo. Foi criado na Fazenda da União, na mesma região onde fez seu curso primário no Colégio Santa Cecília. O curso secundário no Ginásio 28 de Setembro, no Rio de Janeiro, e no Liceu de Humanidades, de Campos, ambos no Estado do Rio de Janeiro. Em 1932 terminou o seu curso médico na Faculdade Nacional de Medicina (Praia Vermelha). Quatro anos depois, 1936, terminava o seu período de estudo na Escola de Saúde do Exército e iniciava efetivamente a sua brilhante carreira de médico militar, na qual em 1963 se reformou como General de Divisão RI Médico.

Dentre muitos cargos e funções exercidas paralelamente na vida civil, destacamos: inspetor de Higiene do Estado de Goiás em Pires do Rio, Santa Cruz e Campo Formoso; presidente da Associação Médica de Corumbá, da qual foi um dos fundadores; professor titular de Literatura Brasileira do Instituto Superior de Pedagogia de Corumbá, do qual era também membro fundador.

Dè mais de um dezena de sociedades culturais e científicas a que pertenceu, Lécio Gomes de Souza era membro titular da Cadeira nº 3 de Academia Matogrossense de Letras e membro titular da Academia Sul-Matogrossense de Letras. Recebeu inúmeros diplomas e certificados de participações premiações em concurso de trovas, título honoríficos e de cidadania.

Além de inúmeros discursos e artigos em diversos jornais e revistas, publicou os seguintes livros:

“*História de Uma Região: Pantanal e Corumbá*”.

“*Bacia do Paraguai, Geografia e História*”.

“*História de Corumbá*”.

Encontra-se pronto para a publicação um livro de poesias de sua autoria, prefaciado pelo jornalista Ronaldo de Castro, membro titular da Academia Matogrossense de Letras.

Relendo o “*curriculum vitae*” de Lécio Gomes de Souza, por ele mesmo elaborado, não encontrei uma única referência à maçonaria, apesar de saber que a sua vida maçônica foi de muita relevância. Interessante é que, há poucas dias, examinando um diário deixado pelo avô, João Gomes Monteiro Sobrinho, constatei idêntico fato. Não sei se esta atitude é determinada por preceitos maçônicos; porém, sei que ela expressando modéstia, é peculiar aos homens de bem.

Hoje, à tarde, recebo a notícia do falecimento, em Corumbá, deste notável brasileiro que escolheu a terra matogrossense para viver até seu último dia, dedicando a ela quase toda a sua existência proveitosa e fecunda. Muito bem... mas, não paro por aqui, pois se as virtudes do Lécio se restringissem apenas à enorme folha de bons serviços prestados, a sua biografia seria como tantas outras de grandes personalidades; porém, uma coisa fria, que nada diria a maravilhosa criatura humana que foi ele. Não poderia, eu, concordar com isto, pois convivi longos anos com o Lécio, tendo-o como colega e amigo.

Quando, recém-formado, cheguei a Corumbá em fins de 1956, já ali encontrei, há pouco transferido de Cáceres, o major-médico do Exército Brasileiro Lécio Gomes de Souza. Em pouco tempo, passávamos a formar uma equipe cirúrgica que perdurou por longos anos, até que a deficiência da visão não mais permitisse a sua atuação em ato operatório, isto, no início da década de 1.980.

Na ocasião em que, já cansado e afetado pela diabete, se aposentou como médico, ainda assim passou a ocupar um espaço em meu consultório, para atender a alguns velhos clientes, que não se conformavam com a sua justa inatividade.

A sua clínica em Corumbá, inicialmente, era formada por cacerenses que para lá se mudaram ou para lá afluíam especialmente para se tratarem com ele.

Apesar de eu ter, de idade, o seu tempo de formado, liguei-me ao Lécio de uma forma tão harmônica, que ele ao procurar-me em minha casa, pelo telefone e não me encontrando, deixava sempre o recado: *“Diga que foi o pai dele quem telefonou”*.

Nunca recebi uma negativa, quando o chamava para auxiliar-me em um cirurgia, independentemente da hora, dia ou da condição sócio-econômica do paciente. Para isto, eu o tirava de qualquer lugar onde ele estivesse: sessão da maçonaria, reunião do Lions e das mais diversas programações ou solenidades. A sua calma e seus modos distintos, muitas vezes, serviram para acalmar-me o ânimo em enteveros políticos com colegas, suavizando o meu ímpeto de, então, jovem exaltado e intransigente para com o que considerava errado. Com ele não aprendi medicina, aprendi, muito, a ser médico.

Levei o Lécio, para todos os serviços médicos possíveis, que instalei ou chefei, em Corumbá, como aconteceu com o IPEMAT e o Instituto dos Bancários. Nunca me arrependi, pois era exemplar a sua responsabilidade para com o atendimento aos clientes.

Como antes havia ocorrido em sua querida Cáceres, também os corumbaenses logo passaram a admirá-lo e a respeitá-lo. Contudo, Lécio, na pureza do seu pensar, imaginou que, contando apenas com a fidelidade dos inúmeros amigos e o reconhecimento da grande clientela que possuía em Cáceres e Corumbá, sem recursos para compra de consciências, poderia ser eleito Deputado Federal. Candidatou-se e perdeu. Nem por isso ouvi dele, uma única lástima ou recriminação, pelo ocorrido. Aceitou

a derrota como coisa natural e sepultou-a para sempre, no canto mais escondido do seu privilegiado cérebro.

Era sensível, como o são todos os poetas autênticos. Esta qualidade o aproximava de outros que, também, a possuíam. Daí a sua ligação com Rubens de Castro, um dos mais inspirados poetas destes Mato Grossos.

Seja pela sina muito comum entre os poetas ou quaisquer outros motivos, os quais ele nunca deixou sequer transparecer, Lécio se viu separado da sua primeira esposa. E foi um pai extremamente dedicado e amoroso, ao suprir a falta da mãe para seus dois filhos: Sérgio e Dulce Regina, a qual, carinhosamente chamava por Yayá. Para os cuidados destes, contou com a colaboração da sua segunda esposa, dona Oacy (Sírica), que a seu lado esteve até hoje. Esta se referia a ele como "Lécito", apelido pelo qual, também eu, passei a tratá-lo.

Não tendo filhos da segunda união, adotou, como tal, a pequena Laura Alice, que alegrou a sua vida até lhe faltar a lucidez que nos faz perceber o que é alegre.

Lécio desmoralizou o velho dito popular de que "*quem não tem inimigos não tem valor*", pois não me consta que ele tivesse feito inimigos, e, o seu valor é indiscutível sob qualquer ângulo que o estudemos.

Mas, se em Cáceres e Corumbá, onde todos os conheceram bem, ele era tão admirado, em Cuiabá, preocupa-me, ficou a impressão de ter sido, o Lécio, uma criatura desinteressante, um esbanjador de erudição, um orador cansativo. Nada mais errôneo! Isto teve como causa o seu discurso de posse na Academia Matogrossense de Letras, que, dizem, foi o mais longo já proferido nesta agremiação, pelo fato de ter, o orador - um grande pesquisador a história do Patrono da sua Cadeira - Ricardo Franco de Almeida Serra.

Não!... Lécio nunca foi um pedante, um cabotino, muito pelo contrário, era uma pessoa humilde, de extraordinário senso de humor e de uma convivência agradabilíssima. Tinha tiradas geniais, que desconcertavam qualquer um que viesse a merecê-las. Já em outra ocasião, relatei em uma

crônica que, certa vez, ao fim de um plantão na Maternidade de Corumbá, deixei escrito no Livro do Ocorrências uns versos, despedindo-me, pois iria passar longo período fora. O Lécio, que me sucedia nos plantões, não perdoou a má qualidade da minha "obra" e escreveu abaixo:

*"Se se desse este poema,
A uma ~~família~~ de ema, ^{famêlica}
Animal que tudo come
Sem que mate a sua fome,
É certo que o comeria,
Estrebuchava e morria"*

Este era o verdadeiro Lécio, em seu íntimo, por isso acho que as biografias para bem retratarem o biografado, deveriam ser escritas por quem privou da sua intimidade.

Meu amigo, meu colega Lécio, aqui estou para lhe fazer justiça: apresentá-lo como GRANDE no desempenho de todas as suas atividades e, MAIOR ainda, como gente, como criatura humana. Enquanto você viveu, cumpriu a meta definida em seu, já comentado, discurso de posse, quando disse: *"Dentro de justeza do aforismo de Francisco de Castro de que a vida é um cabedal eterno em que os seres vivos não são mais que efêmeros depositários e da assertiva popular de que ela é tão curta que não vale a pena ser vivida, não há alternativa para o êxito final e, em face desta fatalidade, devemos nos preparar convenientemente para o desenlace que cada vez mais de nós se avizinha. O que importa, de qualquer modo, é saber viver com dignidade, usufruindo, com proveito, o que de bom se nos oferece e, com senso estético, o que de belo se nos apresenta, convictos de que é muito mais sublime morrer subindo ao céu, que viver rastejando ao pó"*.

Lécio é estranho e assustador!..., quando passamos dos sessenta anos e percebemos que um nascimento nos afeta, emocionalmente, muito mais que o falecimento de uma pessoa querida. Talvez seja pelo fato de que, com o passar dos dias mais nos aproximamos do reencontro com os que se foram, na mesma medida que mais é chegado o momento de

deixarmos os que nascem. Será o sofrimento, por antecipação, de uma saudade futura? Não sei... só os mortos poderão sabê-lo.

O que desejo, no momento, é que você seja bem acolhido pelo nosso Criador - no seu dizer, o Grande Arquiteto do Universo - e, quem sabe, um dia poderemos formar uma outra equipe para ajudá-lo a remediar *remendar* as tantas almas que aí chegam, despedaçadas pelo viver terreno, como outrora o fizemos com os corpos dos vivos.

31 07 99